

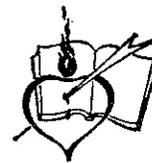
SANTO AGOSTINHO

DOS BENS DO MATRIMÔNIO

Versão brasileira do Pe. Vicente Rabanal OSA

Título Original: **De Bono Coniugali**

Introdução e Adaptação da Regra por Pe. Pablo Luna OSA



Padres Agostinianos

Vice-Província Agostiniana do Ssmo. Nome de Jesus
Praça Santo Agostinho, 79 — São Paulo

NORMAS DE VIDA COMUM MATRIMONIAL

(tiradas da Regra de Santo Agostinho)

Fundamento da vida comum

- 1 — Em primeiro lugar, amados esposos, amai a Deus e depois um ao outro.
- 2 — Estes são os mandamentos que vos foram dados: o primeiro como cristãos, e o segundo como casados.
- 3 — A vida matrimonial é para habitar unânimes em casa, formando uma só alma e um só coração orientados para Deus.
- 4 — Nada deverá ser próprio, mas tudo comum. Assim o fizeram os Apóstolos: "...tudo entre eles era comum e cada qual recebia conforme as suas necessidades" (At. 4,32).
- 5 — Se houver diferenças econômicas antes do casamento, elas devem desaparecer na vida a dois, de forma que tudo seja comum.
- 6 — Vivei em harmonia e bom entendimento e reverenciái mutuamente a Deus dentro de vós, do qual sois templos.

Da oração

- 7 — Dedicai-vos à oração algum tempo durante o dia.
- 8 — Quando orardes a Deus com orações próprias ou decoradas, meditais no coração aquilo que se expressa nas palavras.

Sobriedade e mortificação

- 9 — Dominaí vossa carne com jejuns e abstinência de comidas e bebidas quando for necessário e a saúde o permitir.
- 10 — Durante as refeições conversai sem confusão nem discussões, para que não seja apenas o corpo o que se alimenta, mas também se nutra o amor pela comunicação.
- 11 — O que é mais forte para suportar as privações, considere-se mais feliz e seja menos exigente; melhor é precisar de pouco do que muito possuir.

Da castidade

- 12 — A passeios e diversões ide juntos; e nos lugares onde deveis ir, permanecí juntos.

- 13 — Nos encontros sociais, nas atitudes, ou em qualquer de vossos movimentos, nada façais que possa escandalizar alguém. Que vosso comportamento seja o que convém aos filhos de Deus.
- 14 — Quando vos encontrardes com uma pessoa do outro sexo, não repareis nela. Pois, se, quando sairdes de casa, o fato de ver e conversar com outros(as) não tem nada demais; por outro lado é censurável desejá-los(as) ou querer ser desejados(a). Não só pelo tato e pela afeição, mas também pelo olhar surge a concupiscência. E nada de afirmar que o coração é puro, se os olhos são impuros: porque os olhos impuros revelam a impureza do coração. E quando mutuamente e segundo a concupiscência da carne um e outro se deleitam com olhares recíprocos e pensamentos impuros, mesmo sem falar, nem chegar a vias de fato, o coração torna-se impuro e a castidade dos costumes desaparece.
- 15 — E aquele ou aquela que repara numa mulher ou num homem e gosta de ser observado por ela ou por ele, não pense que ninguém o vê, quando faz isso; é visto perfeitamente, e por aqueles que menos pensa que o vêem. Ainda que fique oculto aos olhos dos homens, como ocultar-se d'Aquele que tudo vê e a quem nada se pode ocultar? Julgarás que Ele não te vê, porque vê com tanta paciência como sabedoria? Tema cada um desagradar a Deus para não agradar com malícia aos que não deve. A escritura já nos adverte: "É abominação para o Senhor aquele que tem os olhos insaciáveis" (Prov. 27,20).
- 16 — O que perceber uma leviandade no consorte aconselhe-o imediatamente, para que o que começou não continue, mas logo seja corrigido.
- 17 — Se apesar da advertência, cair novamente no mesmo erro, neste caso aquele que o descobriu, trate-o como a um ferido que precisa de cura; se for preciso comunique-o a outro ou a um terceiro para que posso ser persuadido por aqueles que tenham mais facilidade. E não penseis que é querer mal, quando isso se revela. Antes pelo contrário não sois inocentes, se com o silêncio permitis a perdição de quem avisado, poderia salvar-se. Se teu filho tivesse uma ferida no corpo, que quisesse ocultar pelo medo do tratamento, não seria cruel silenciar e misericordioso denunciá-lo? Com maior motivo deveis denunciar a parte moral, para que não apodreça o coração com aquilo que é mais pernicioso.
- 18 — Se uma vez avisado, não quiser se corrigir, deve-se procurar alguém que tenha ascendência sobre ele, antes de informar a outros pelos quais possa ser persuadido, pois sempre que possível o sigilo deve observar-se. Mas se ele negar a acusação, recorra-se a outros meios para que mais de uma testemunha possa convencê-lo a sair do erro. E se recusar a corrigir-se em erros graves pode ser abandonado, mesmo não o querendo. Esta atitude não é por crueldade, mas por misericórdia, para que pelo mau exemplo não venham a se perder outros mais.
- 19 — Tudo o que foi dito sobre a vista, observe-se também com fidelidade e diligência nas outras faltas que devem ser reveladas, nunca permitidas, manifestadas e corrigidas, com muito amor ao consorte e ódio ao vício.
- 20 — Por conseguinte, aquele que de tal forma houvesse avançado no mal, recebendo ocultamente cartas ou presentes, se o confessar espontaneamente, seja pelo outro perdoado e animado pela oração; mas se for descoberto, trate-se com mais rigor até corrigir-se definitivamente.

Das coisas necessárias

- 21 — Guardai vossas roupas e outros pertences dentro da casa e assim como vos alimentais de uma fonte comum, também vos vistais dos mesmos guarda-roupas. Quando surgirem, entre vós, discussões e murmurações por receber em mau estado as roupas, conclui daí quanto vos falta daquele santo vestuário interior do coração, pois acabais brigando pelo vestuário do corpo.
- 22 — Ninguém faça nada apenas para si com exclusividade, mas tudo deve ser feito em função da comunhão de vida, com mais entusiasmo e dedicação do que se fosse para a própria pessoa. Pois a caridade, da qual está escrito que "Não procura as coisas que são suas" (1 Cor., 13,5), entende-se assim: que prefere o comum ao próprio e não o próprio ao comum. Por isso, na medida em que cuidais das coisas comuns melhor que das particulares, sabereis como está vosso espírito comunitário; para que em todas as coisas ordinárias que necessitamos, tenha preferência a caridade, que permanecerá para sempre.
- 23 — Quando algum de vocês afirma estar doente, acredite-lhe o outro mesmo que não o perceba. E quando for preciso leve-o ao médico sem demora, mesmo que não lhe agrade.
- 24 — Quem ganha o dinheiro, entregue-o a quem o administra, e este não demore em atender os pedidos de quem precisa.

Perdão das ofensas

- 25 — Não existam desavenças entre vocês e, se alguma existir terminai-a quanto antes, para que a ira não se converta em ódio e se faça de um arqueiro uma trave, tornando a alma homicida. Pois assim ledes: "Quem odeia seu irmão é homicida" (1 Jo., 3,15).
- 26 — Aquele que ofender o outro com afrontas, injúrias, ou lançando-lhe no rosto alguma culpa grave, deve dar satisfação, para reparar quanto antes o que fez, e aquele que foi ofendido perdoe sem demora nem discussão. E se mutuamente se ofenderam, mutuamente deverão pedir perdão e perdoar-se durante o tempo de oração, que não se deve esquecer, pois quanto mais os dediqueis à oração, tanto melhor sereis.
- 27 — É melhor aquele que, apesar de ser tentado muitas vezes pela ira, no entanto apressa-se a pedir desculpas a quem reconhece haver ofendido, do que aquele que dificilmente se irrita, porém mais dificilmente pede perdão ou se reconcilia. Aquele que nunca quer pedir perdão ou não o faz de coração não merece o sacramento do matrimônio.
- 28 — Evitai as palavras pesadas; e se alguma vez saírem da vossa boca, não se demore em oferecer o remédio, com a mesma boca que fez as feridas.
- 29 — Finalmente, quando a necessidade da disciplina vos obrigou a dizer palavras duras para repreender vossos filhos, se julgais haver-vos excedido com eles, no modo, não é necessário que lhe peçais desculpas, não seja que por ter demasiada humildade com aqueles que precisam obedecer, se debilite a autoridade para governar. Mas pedi sempre perdão ao Senhor de todos, que conhece o afeto que tendes àqueles aos quais corrigistes mais do que era justo. A amizade e o amor entre vocês não deve ser apenas humano, também deve ser espiritual.

A Autoridade

- 30 — O pai deve ser obedecido e respeitado para que na pessoa dele não se ofenda a Deus; ele tem a seu cargo o cuidado da família.
- 31 — Caberá a todos, mas principalmente ao pai motivar a vida espiritual em família. A função do pai não é a de dominar com autoridade, mas servir com caridade. Que seja por todos respeitado e cada um veja nele o representante de Deus. Mostre-se dentro e fora de casa exemplo de boas obras. Ora controlando mais o audaz, ora animando o acomodado, ora agindo com paciência e ajudando o mais fraco, sendo agradável na disciplina e aplicando a punição, quando necessária. Prefira mais ser amado do que temido, pensando sempre que deverá prestar contas a Deus daqueles que lhes foram confiados.
- 32 — A obediência e a cooperação dos membros da família são imprescindíveis para o bem de todos. O que está em lugar mais elevado deve ser ajudado porque se encontra em maior perigo.

Última recomendação

- 33 — O Senhor conceda guardeis estes conselhos com amor, imbuídos da beleza espiritual, emanando o bom odor de Cristo, em santa convivência, não como servos sob a lei, mas como filhos que vivem sob a graça. E se praticais todos estes conselhos, dai graças a Deus, fonte de todos os bens. Mas se alguém de vocês perceber que faltou em algo, deplora o passado, tome cuidado no futuro, pedindo a Deus lhe perdoe sua culpa e não o deixe cair em tentação.

DOS BENS DO MATRIMÔNIO

CAPÍTULO I

Primeira Sociedade do Homem e da Mulher

1. Cada homem é uma parte do gênero humano, e a natureza humana é sociável e encerra em si um bem excelente e natural, que força à amizade. Assim, quis Deus que todos os homens procedessem de um só, a fim de que na sua sociedade estivessem ligados entre si, não só pela semelhança da natureza, mas também pelos laços do parentesco. A primeira sociedade foi constituída por um homem e uma mulher. Deus não os criou separadamente, unindo-os depois como dois estranhos. Do homem tirou a mulher, manifestando assim a força da união no lado, do qual foi extraída e formada a mulher¹. Pelos lados se unem dois que caminham juntos, e se dirigem ao mesmo ponto. Os filhos vêm a estreitar os laços desta sociedade, e são fruto honesto, não da simples união, senão da união carnal do homem e da mulher. Ainda sem a união carnal, poderia dar-se entre os dois sexos uma união amical e fraterna, na qual o homem fosse o dirigente e a mulher obsequiosa e obediente.

CAPÍTULO II

Diversas hipóteses sobre a propagação dos filhos, se Adão não pecasse

2. Creio desnecessário discutir agora e dar uma opinião definida sobre a forma como poderia, se não tivessem pecado, dar-se a posteridade dos primeiros homens; quando Deus os abençoou dizendo-lhes. "Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra", pois pelo pecado os seus corpos tornaram-se mortais, e a união carnal não se pode realizar, senão em corpos mortais e carnis. Muitas e desencontradas opiniões surgiram sobre esta questão. E se pretendêssemos inquirir qual está mais de acordo com a verdade das Sagradas Escrituras, daria lugar a muitas e prolixas discussões. Quer consideremos que sem a união carnal, se não tivessem pecado, de algum outro modo teriam filhos por um dom especial do onipotentíssimo Criador, que

pôde criar a eles mesmos sem o concurso dos pais; que pôde formar a carne de Cristo no seio de uma virgem; e, para falar também aos infiéis, que pôde dar descendência às abelhas sem contato carnal; quer suponhamos que muitas coisas foram ditas num sentido místico e figurado, pelo qual estas palavras "Enchei a terra e dominai-a" ² devem ser entendidas no sentido de se referirem à plenitude da vida e do poder; e aquelas outras "Crescei e multiplicai-vos" podem indicar o aumento da inteligência e abundância das virtudes, como diz o Salmo "Multiplicarás a virtude na minha alma" ³. Pois não foi dada sucessão ao homem na prole, senão porque depois, por causa do pecado, viria o desaparecimento pela morte. Ou porque aos primeiros homens não lhes foi dado um corpo espiritual, mas um corpo animal, para que pelo mérito da obediência depois se tornasse espiritual, entrando na imortalidade, não pela morte, que entrou no mundo pela inveja do demônio e é a pena do pecado; senão por aquela transformação, da qual nos fala o Apóstolo: "Depois nós os que vivemos, os que ficamos, seremos arrebatados juntamente com eles ao encontro de Cristo nos ares" ⁴, para que entendamos que os corpos de aquele primeiro matrimônio eram mortais na sua primitiva conformação, mas não morreriam, se não pecassem, como Deus lhes tinha cominado. Como se os tivesse ameaçado com uma ferida, porque era um corpo vulnerável, a qual não se teria produzido, se eles não tivessem feito o que Deus lhes havia proibido. Deste modo poderiam subsistir as gerações pela união de tais corpos, que chegariam a um crescimento limitado, sem declinar na velhice; e ainda chegar à velhice, mas não à morte, até que a terra se não enchesse com os frutos de aquela benção divina.

Se Deus pôde fazer que as vestes dos Israelitas durante quarenta anos não se deteriorassem ⁵, quanto mais não teria concedido àqueles corpos obedientes aos seus mandatos, uma felicíssima estabilidade em um certo estado, até serem transformados em outro melhor, não pela morte, pela qual a alma abandona o corpo, senão pelo passo da mortalidade para a imortalidade, da animalidade para a espiritualidade?

CAPÍTULO III

Diversos Bens do Matrimônio: do primeiro, segundo e terceiro

3. Seria longo inquirir e ventilar estas opiniões e mais alguma outra, ou outras, que se pudessem extrair com base naquelas palavras. Por enquanto, afirmamos que, segundo a condição de nascer e morrer, que conhecemos e na qual fomos criados, o Matrimônio entre o homem e a mulher é um Bem, tão encarecido e recomendado pela Sagrada Escritura, que nem à mulher repudiada pelo marido lhe é lícito unir-se a outro, em vida do marido; nem ao marido repudiado pela mulher, lhe é lícito tomar outra até a morte da mulher, que o abandonou. Não é, pois, desarrazoado que indaquemos por que é um Bem o Matrimônio, que o mesmo Senhor ratificou no seu Evangelho, não só proibindo repudiar a esposa, exceto por causa de fornicção ⁶; mas também por ter sido convidado a umas bodas ⁷. A mim me parece que é um Bem, não só pela procriação dos filhos, mas também pelo convívio social de ambos os sexos. Porque se assim não fosse, não poderíamos falar de matrimônio entre idosos, particularmente se já perderam os filhos, ou

nunca os tiveram. Ora, num bom matrimônio, mesmo entre idosos, embora estejam murchados os ardores juvenis do homem e da mulher, permanece ainda vigoroso o amor entre o esposo e a esposa; porque, quanto mais piedosos são, mais cedo e de comum acordo começaram a privar-se do ajuntamento carnal; de modo que não se sintam forçados, na velhice, a não poder realizar o que quiseram; mas dignos de louvor por ter deixado antes o que podiam realizar.

Se, pois, se conserva íntegra a fidelidade e o amor de ambos, mutuamente devidos, apesar da languidez e do estado quase cadavérico dos membros de ambos, permanece, nos legitimamente casados, a castidade nas almas, tanto mais sincera, quanto mais provada, e tanto mais segura quanto mais prazerosa.

Outro Bem que dimana do Matrimônio é que a incontidência carnal ou juvenil, mesmo viciosa, é reduzida à honestidade de propagar a prole; de modo que de um mal, como é a libido, tira um bem a união conjugal.

Acrescente-se a isso que a concupiscência da carne reprime-se e se ordena com o afeto paterno.

CAPÍTULO IV

Quarto Bem do Matrimônio. Que é adultério? A fidelidade deve ser guardada até em coisas triviais, e deve-se antepor à vida

4. A tudo isto deve-se acrescentar que, mesmo quando os cônjuges realizam os deveres da união conjugal, embora nesse ato procedam com alguma maior intemperança e incontidência, se devem mútua fidelidade. Tanto encarece o Apóstolo esta fidelidade que disse sobre ela: "A mulher não tem poder sobre o seu corpo, mas sim o marido; e o marido não tem poder sobre o seu corpo, mas sim a mulher" ⁸.

A violação desta fidelidade chama-se adultério, quando arrastados pela própria concupiscência, ou por ceder à concupiscência alheia, se juntam com outro, ou com outra contra o pacto conjugal, quebrando assim a fidelidade, que é um bem excelente da alma, ainda tratando-se de coisas corpóreas e banais, porquanto deve ser preferida mesmo à saúde corporal, tão necessária para a nossa vida. Apesar de que a palha não é quase nada diante do ouro, a fidelidade sinceramente guardada num negócio com a palha ou com o ouro não é de menos valor no negócio da palha, por tratar-se de coisa tão exígua.

Mas quando se apela à fidelidade para cometer um pecado, me surpreende que se lhe dê o nome de fidelidade. Seja lá o que for. Se contra ela se obra, se obra pior; a não ser que se quebre esta fidelidade, para salvar a verdadeira e genuína fidelidade, impedindo o pecado pela retificação da vontade depravada. Por exemplo: se um homem sozinho não pode roubar a outro, mas encontra um parceiro disposto a prestar sua ajuda, e pactua com ele dividir o fruto do roubo, e depois de efetuado não reparte e fica com tudo: queixa-se o parceiro e lamenta a falta de fidelidade no traidor, mas na sua lamentação deve pensar que ele mesmo devia guardar a fidelidade à sociedade humana, levando uma boa vida e não traf-la com aquela explicação iníqua, pois tanto sente a iniquidade do outro que

não foi fiel como sócio do espólio perpetrado. Mas o primeiro, pérfido em ambos casos, certamente deve considerar-se mais culpável. Ora, se este, arrependido do mal feito, não quis dividi-lo com o propósito de devolvê-lo ao seu dono, não poderia ser tachado de pérfido, nem por outro pérfido. Assim, se depois de violar a fidelidade conjugal, guarda a fidelidade ao adúltero, certamente é má; mas se nem a este a guarda, é muito pior. Todavia, se arrependida do seu pecado, volta à castidade conjugal e rescinde o pacto adúlterino, creio que nem o mesmo adúltero a tachará de ter violado a fidelidade a ele devida pelo pacto adúlterino.

CAPÍTULO V

Quando a união do homem e a da mulher é Matrimônio e quando não

5. É freqüente perguntar o seguinte: Se um homem e uma mulher, não casados legitimamente nem com outro nem com outra, se unem carnalmente, não com o fim de gerar filhos, senão pelo prazer do concúbito, mediante o pacto de não ir ele com outra, nem ela com outro: a isto se poderia chamar núpcias?

Talvez não fosse absurdo dar o nome de núpcias a tal estado, se se comprometem a conservá-lo até a morte de uma das partes pactuantes; se não evitam a procriação, embora não seja este o motivo por que se uniram; ou não querem ter filhos, ou por meios criminais impeçam o seu nascimento. Mas, se falta algum destes requisitos, ou ambos simultaneamente, não vejo como tal estado possa merecer o nome de núpcias. Mais ainda, se um homem se une temporariamente a uma mulher até encontrar outra da sua classe e abastada, para casar-se com ela por ser do seu mesmo nível; o tal homem é adúltero em seu coração, não para a mulher que pretende encontrar, mas sim para a mulher com a qual coabita sem intenção de firmar com ela um convênio matrimonial. E a tal mulher que sabe tudo isso, e assim o quer, é uma impúdica juntando-se a tal homem sem um pacto matrimonial. Entretanto, se ela lhe guarda a fidelidade do leito, e quando ele se casar, ela pretende viver em perpétua continência: não me atreveria facilmente a qualificá-la de adúltera. Mas quem dirá que ela não pecava, sabendo-se unida a um homem que não era seu marido?

Todavia, se a tal mulher, da sua parte, no concubinato, só pretendesse gerar filhos, tolerando invita o que não era com tal finalidade, acho esta mulher preferível às matronas que, embora não sejam adúlteras, forçam os seus maridos à união carnal, não pelo desejo de ter filhos, mas para satisfazer os ardores da libido, usando desordenadamente do direito marital. Contudo, nestes matrimônios é um bem estarem casadas. Pois para isso se casaram, a fim de que a concupiscência, amparada com o vínculo do matrimônio, não desbordasse na dissolução e sem-vergonhice, porque de si mesma tem a fraqueza irrefreável da carne, e das núpcias a união indissolúvel: de si mesma tem o prurido imoderado do concúbito; e das núpcias aufera o modo de procriar castamente.

Embora seja uma torpeza querer abusar luxuriosamente do marido, é honesto não querer outra união que a do marido, e não ter filhos senão do marido.

CAPÍTULO VI

Da exigência e prestação do ato conjugal

Também há maridos de tal modo incontinentes, que não têm pejo de usar das suas mulheres em estado de gravidez. Tudo, pois, quanto pode haver de desonesto, inverecundo e despudoroso entre os esposos, é por culpa deles, não é culpa das núpcias.

6. Essa exigência imoderada do ato conjugal, que aos casados o Apóstolo não manda imperiosamente, mas lhes concede indulgentemente: que se unam ainda que não seja por causa da procriação, senão pelos seus depravados instintos se vejam coagidos a tal união, protege o matrimônio contra o adultério e a fornicção. E não se diga que isto se admite em nome do matrimônio; mas por causa do matrimônio se tolera com indulgência.

Os esposos devem a si mesmos uma servidão mútua, não somente na fidelidade da união dos sexos em ordem à procriação, que é o fim primordial desta sociedade do gênero humano nesta vida mortal, mas também por condescender com a fraqueza de ambos e evitar uniões ilícitas. De tal modo, que se um dos cônjuges quiser guardar perpétua continência, não o possa fazer sem o consentimento do outro. Por isso está escrito: "A mulher não tem poder sobre seu corpo, mas sim o marido; e o marido não tem poder sobre seu corpo, mas sim a mulher"⁹. De sorte que não se neguem um ao outro aquilo que é conducente, não só para a procriação, senão também para prover à fragilidade e à incontinência, quer o exija o marido da mulher, quer a mulher o exija do marido: não venha a acontecer que por causa disto caiam em pecaminosas corruptelas, por instigação de Satanás, que se aproveita da incontinência de ambos, ou de uma das partes. O ato conjugal em ordem à geração, não é pecado; para acalmar a concupiscência em virtude da fidelidade conjugal e sempre com o cônjuge, não passa de pecado venial. A fornicção e o adultério, sempre são pecado mortal. Em consequência, a continência absoluta de todo ato carnal é mais excelente, que o concúbito matrimonial feito com a intenção de ter filhos.

CAPÍTULO VII

A aliança nupcial não se invalida pela separação dos cônjuges. Repudiada a mulher adúltera, é lícito casar-se com outra? Ter duas mulheres é proibido pelo Direito Romano. Pelo divórcio não se dissolve o matrimônio entre Cristãos.

Sendo que a continência é mais meritória; que a prestação do dever conjugal não é nenhum pecado; que a exigência dele por outro motivo que não a procriação, é pecado venial; que a fornicção e o adultério são pecados mortais; a caridade conjugal obriga a evitar qualquer motivo de condenação no cônjuge, às custas de recabar para si um estado mais honorífico. Pois "aquele que abandona sua mulher, exceto por causa de fornicção, a expõe ao adultério"¹⁰.

De tal força sacramental é o vínculo nupcial, que nem pela separação se rompe, já que em vida do marido que a deixou, comete adultério se se casar com outro: e a causa deste pecado é o marido que a deixou.

7. Admira-me que, assim como é lícito repudiar a esposa adúltera, seja lícito ao marido casar-se com outra depois do repúdio. A Santa Escritura deixou-nos em este caso uma questão difícil, quando o Apóstolo, por preceito divino, nos disse que a mulher não deve separar-se do marido e que, se separar, deve permanecer inupta, ou reconciliar-se com o marido”, quando era seu dever separar-se do adúltero que tomou, não venha a acontecer, que separando-se do marido que não é adúltero, faça com que também ele adultere. Mas se ela não pode se conter, talvez sem cometer pecado, pode reconciliar-se com o marido já corrigido, ou tolerando-o se não estiver corrigido.

Não compreende como pode ser lícito ao marido casar-se com outra, se repudia a própria adúltera, quando não é lícito à mulher casar-se com outro, se ela sepudia o marido adúltero. Assim as coisas, tão forte é o vínculo social dos cônjuges, que, uma vez realizado por causa da procriação, não pode ser dissolvido nem por causa da procriação. Porque, neste caso, poderia o homem abandonar a mulher estéril e casar-se com outra que lhe desse filhos. Mas isto não é lícito: e ainda, nos nossos tempos, de acordo com o direito Romano, nem crescer outra ao matrimônio, senão uma única viva. Certamente que, repudiada a adúltera ou repudiado o adúltero, poderiam nascer muitos homens, se ele se casa com outra e ela com outro. Ora, se isto não é lícito, como parece dar a entender a Lei divina, quem não percebe nisto a ilimitada solidez do vínculo conjugal?

Eu não poderia imaginar tanta firmeza, se não percebesse nela um sinal misterioso de algo mais excelente e oculto nesta frágil mortalidade humana, que permanecesse incontestável para condenar os desertores que tratam de dissolvê-lo. Nem pelo divórcio fica abolida a aliança nupcial, de tal modo que, mesmo separados, sempre serão cônjuges entre si, porque cometerão adultério com aqueles a quem se unam depois de separados, faltando ela à fidelidade ao marido, e ele à fidelidade para com sua mulher. Tal pleito com a mulher somente se dá na cidade de nosso Deus e no seu santo monte¹².

CAPITULO VIII

O repúdio entre os Gentios e entre os Judeus. O Matrimônio é um Bem em si mesmo, e não por comparação com a fornicção

Ninguém ignora que é diferente a legislação dos Gentios, que, sem qualquer penalidade e formalizado o repúdio, permite à mulher casar-se com quem quiser, e a ele tomar a mulher que for do seu agrado. Algo semelhante e pela dureza dos israelitas, lhes permitiu Moisés com o libelo de repúdio¹³, onde se manifesta mais a reprovação que a legitimação do divórcio.

8. “Seja, pois, por todos honrado o Matrimônio e o leito imaculado”¹⁴. Não dizemos que o Matrimônio é Bom, em contraposição à fornicção, porque então seriam dois males, dos quais o segundo seria pior; ou então teríamos que dizer que a fornicção é um bem, porque pior é o adultério; é pior violar o matrimônio

alheio que ir com uma meretriz; o adultério seria bom porque pior é o incesto; pior é pecar com a própria mãe que com mulher alheia; e assim até chegar àquelas coisas, das quais diz o Apóstolo que “é torpe até nomeá-las”¹⁵: todas as coisas serão boas em comparação com as piores.

Quem pode duvidar que tudo isto é falso? Portanto, o Matrimônio e a fornicção não são dois males, dos quais o segundo é pior; mas são dois bens o matrimônio e a continência, dos quais o segundo é melhor; como não são dois males a saúde e a enfermidade, esta pior; antes são dois bens a saúde e a imortalidade, esta melhor; a ciência e a vaidade não são dois males: a segunda pior; mas a sabedoria e a caridade são dois bens, a segunda é melhor, pois a “ciência será destruída”, diz o Apóstolo, e só é necessária nesta vida; mas “a caridade nunca minguará”¹⁶. Também esta geração mortal, a cuja conservação se ordena o matrimônio, será destruída; mas a imunidade de qualquer ato carnal, que imita os anjos já na terra, é e permanece para toda a eternidade. Do mesmo modo que os ágapes dos justos são melhores que os jejuns dos sacrílegos, assim as núpcias dos fiéis são preferíveis à virgindade das ímpias. No primeiro caso não vale mais comer que jejuar, mas a justiça prevalece sobre o sacrilégio; no segundo caso não é preterido o matrimônio à virgindade, mas a fidelidade das casadas é preferível à impiedade das virgens. Os justos comem para dar aos seus corpos o que é justo e equitativo, como os bons senhores aos seus servidores; pelo contrário, os sacrílegos jejuam para servir ao demônio. As mulheres fiéis se casam para viver castamente com os seus maridos, enquanto as virgens ímpias fornicam, traindo o Deus verdadeiro.

Assim como era bom o que fazia Marta ocupando-se em servir aos santos hóspedes, mas era melhor o que fez Maria sentando-se aos pés do Senhor¹⁷ e ouvindo as suas palavras; assim também louvamos Susana pela sua castidade conjugal¹⁸, mas preferimos a santa viuvez de Ana¹⁹ e muito mais a castidade de Maria Virgem²⁰.

Bom era o que faziam aquelas que com os seus bens davam de comer a Cristo e aos seus discípulos; mas muito melhor fizeram os que deixando todos os seus bens seguiram fielmente a Cristo, nosso Senhor.

Entre estas duas classes de bens: quer o que fizeram os discípulos, quer o que fizeram Marta e Maria, não se pode fazer o melhor, senão deixando e preterindo o mais inferior. De aqui podemos inferir que as núpcias não são um mal; porque de não renunciar a elas não é possível conseguir a viuvez casta nem a integridade virginal. Nem diremos que era mau o que fazia Marta, porque sua irmã Maria não poderia escolher o melhor, se não se abstivesse do trabalho de Marta. Nem diríamos que se obra mal acolhendo em casa um justo ou um Profeta, porque nem casa deve ter quem quer seguir perfeitamente a Cristo, que é o melhor.

CAPÍTULO IX

O matrimônio é um bem relativo. Os santos Patriarcas deviam usar do matrimônio. Agora é preferível a continência.

9. Consideremos agora que Deus nos concede alguns bens que são apetecíveis por si mesmos, como a sabedoria, a saúde, a amizade; outros que são ne-

cessários para algum fim, como a ciência, o alimento, a bebida, o sono, o matrimônio, o concúbito. Destes uns são necessários para alcançar a sabedoria, como é a ciência; outros são necessários para a saúde, como o alimento, a bebida, o sono; outros são necessários para a amizade como, o matrimônio e o concúbito. Por estes subsiste a propagação do gênero humano, no qual a sociedade amistosa é um bem excelente. Quem, para outros fins, utiliza estes bens que têm finalidade própria, peca, umas vezes venialmente, outras mortalmente. Obra bem quem os utiliza para os fins determinados na sua instituição. Obra melhor quem não os utiliza, porque deles não precisa. Portanto, honestamente desejamos estes bens, quando nos são necessários; mas é melhor não querê-los que desejá-los: porque mais perfeitamente os não queremos, quanto é menor a necessidade que deles temos.

É bom casar-se porque é bom ter filhos e ser mãe de família²¹, mas é melhor não casar-se, porque seria melhor para a sociedade humana não ter necessidade desse trabalho. Pois já de tal forma está constituído o gênero humano, que, por meio dos que não se contêm, além dos casados, mas também por meio dos muitos luxuriosos que se unem ilícitamente e pela bondade do Criador que da sua maldade sabe tirar bens, não faltará prole e abundante sucessão, donde possam surgir boas e santas amizades.

De tudo isto devemos deduzir que nos primeiros tempos do gênero humano, e principalmente para a propagação do povo de Deus, pelo qual fosse anunciado e do qual havia de nascer o Príncipe e Salvador de todos os povos: os santos Patriarcas deveram usar necessariamente deste bem das núpcias, desejável, não por si mesmo, mas por este outro motivo. Ora, como na atualidade e no mundo inteiro abundam as amizades espirituais para constituir uma sociedade prazerosa, santa, e sincera, deve-se aconselhar inclusive àqueles que querem casar-se com o único intuito de gerar filhos, que prefiram o Bem da continência, que é mais excelente.

CAPÍTULO X

Objeção contra a continência. Agora devem casar-se só os que não se contêm. As núpcias não são pecado. Concúbito nupcial é só aquele que se realiza em ordem à geração dos filhos.

10. Sei que alguns murmuram dizendo: se todos os homens quisessem abster-se de todo comércio carnal, como subsistiria o gênero humano? Oxalá todos quisessem isto, inspirados "pela caridade de um coração puro, pela consciência reta, e por uma fé não fingida"²², porque mais cedo se completaria a Cidade de Deus e se aceleraria o fim dos tempos. Pois que outra coisa parece inculcar o Apóstolo, quando, tratando deste ponto, escreve: "Quisera que todos fossem como eu"? e também em outro lugar: "digo-vos, irmãos, que o tempo é curto; o que importa é que os que têm mulher, vivam como se a não tivessem; os que choram como se não chorassem; os que folgam como se não folgassem; os que gozam como se não gozassem; os que usam deste mundo como se não usassem; pois a figura deste mundo é passageira. Quero que todos vós estejais sem angústias"; e pouco depois acrescenta: "Aquele que não tem mulher, pensa nas coisas

de Deus, como pode agradar a Deus, mas aquele que tem mulher, pensa nas coisas do mundo, como agradar à mulher, e está dividido: do mesmo modo a viúva e a virgem pensam nas coisas de Deus, como agradar a Deus, a fim de ser santa no corpo e no espírito; mas a que está casada pensa nas coisas do mundo, como agradar ao marido". Por isto a mim me parece que nos tempos atuais somente deveriam casar-se os que não podem permanecer continentes, segundo estas palavras do mesmo Apóstolo: Se não podem permanecer continentes, casem-se, pois é melhor casar-se que abrasar-se".

11. Nem para estes são pecado as núpcias; mas se optam por elas comparando-as com a fornicação, seriam pecado menor que a fornicação, mas seriam pecado. E agora que podemos dizer contra as evidentíssimas palavras do Apóstolo: "Faça o que quiser, não peca se a casar" e "Se tomares mulher, não peaste: se uma virgem se casa, não peca"²³. Com estas palavras já não é possível duvidar: as núpcias não são pecado.

Portanto, o Apóstolo não concede as núpcias como indulgência; pois quem admitirá o absurdo de conceder o perdão àqueles que não pecaram? A Apóstolo concede vênias ao concúbito realizado por incontinência, não unicamente por causa da procriação, e às vezes sem causa da procriação. As núpcias não obrigam à união carnal; mas sim uma desculpa para ela, a não ser que seja tão freqüente e abusiva que dificultem os tempos que devem ser dedicados à oração; e não degenerem em abusos contra a natureza, que o Apóstolo menciona, quando falou dos abusos excessivos de homens ímpios e imundos²⁴. O concúbito é necessário para a procriação, e só neste caso é verdadeiramente nupcial. Quando ultrapassa esta finalidade, não é um ato racional, é libidinoso. Em tais circunstâncias é dever dos esposos não o exigir, mas condescender com a outra parte, a fim de evitar que se lance a uma fornicação, que é pecado mortal. Ora, se ambos estão dominados pela concupiscência, realizam um ato que não é verdadeiramente nupcial. Entretanto, se na sua união atendem mais à honestidade, que à desonestidade, isto é, se atende mais ao que é próprio das núpcias, que ao que lhe é impróprio, isto é o que o Apóstolo lhes concede como indulgência. As núpcias não incitam a tais desordens, mas imploram que Deus não afasta deles a sua misericórdia, quer seja pela falta de abstenção em certos dias para dedicar-se à oração, e por esta abstinência como pelo jejum encomendem a Deus suas preces; quer seja alterando o uso natural em abusos contra a natureza, o qual é mais grave por ser realizado no cômulo.

CAPÍTULO XI

O uso contra a natureza é mais execrável na esposa, que na meretriz. Sem menoscabar a santidade das casadas, é mais recomendável a santidade das não casadas.

12. O uso natural do matrimônio, quando ultrapassa os limites da necessidade da procriação, é escusável com a própria esposa, mas pecaminoso com uma meretriz; o uso antinatural da esposa é mais execrável que o uso antinatural de uma meretriz.

As leis do Criador e a conveniência das criaturas de tal modo são obrigatórias que os excessos nas coisas permitidas são mais toleráveis, que uma ou raras transgressões nas coisas proibidas. E assim, nos casados, deve ser tolerada a intemperança no uso do que lhes é permitido, para evitar que a libido os arraste ao que lhes é proibido. Por conseguinte, peca menos se recorre freqüentemente à esposa, que se raríssimamente se desliza na fornicação. Mas se o marido quer abusar antinaturalmente dos órgãos da mulher, ela é mais nojenta por consenti-lo em si, que se o permitisse fazer com outra. O decoro do matrimônio é a castidade na procriação e a fidelidade na prestação do débito conjugal. Aqui está a essência do matrimônio: isto é o que o Apóstolo exime de toda culpa, com estas palavras: "Se tomares esposa, não pecaste; se a que é virgem se casa não peca" e "faça o que quiser, não peca se a casa". Pelos motivos já mencionados e por condescendência permite aos esposos o uso mais freqüente do ato conjugal.

13. Destas palavras do Apóstolo: "A que não está casada pensa nas coisas do Senhor, para ser santa de corpo e alma", não devemos deduzir que não seja santa de corpo a casada cristã e casta. Pois de todos os fieis disse: "Não sabeis que os vossos corpos são templos do Espírito Santo, que recebestes de Deus" ²⁶. Santos são, pois, os corpos dos casados que guardam a fidelidade devida a Deus e a si mesmo. Desta santidade não se menoscaba porque um dos cônjuges não tenha fé, antes a santidade da mulher pode ser proveitosa ao marido sem fé, e a santidade do marido pode ser proveitosa à mulher sem fé, como claramente o disse o mesmo Apóstolo: "O marido infiel é santificado pela mulher fiel; e a mulher infiel é santificada pelo marido fiel" ²⁷.

Estas palavras manifestam que a castidade das inuptas é mais excelente que a santidade das casadas, e à qual lhe está reservada uma recompensa maior, porquanto o Bem destas é melhor que o Bem daquelas, porque só pensam em como agradar a Deus. Isto não quer dizer que a mulher fiel e casada, que guarda a castidade conjugal, não pense também em agradar a Deus, mas, certamente menos, por que deve pensar também em agradar ao marido. Quis dizer que em virtude do matrimônio, tem necessidade de pensar nas coisas do mundo e em como agradar ao marido.

CAPÍTULO XII

Raríssimas são as casadas que só pensam em agradar a Deus

14. Estas palavras de São Paulo devem ser aplicadas a todas as casadas, ou às tais como ele as descreve, que por serem tantas, bem poderíamos dizer de todas. Não é claro. Pois também o que disse das inuptas. "A inupta pensa nas coisas de Deus, para ser santa de corpo e alma", não incluem todas as inuptas, porque há viúvas "mortas" que vivem dadas aos prazeres ²⁷. Mas, como se estabelece uma distinção entre as casadas e não casadas; assim como é detestável demais a mulher, que privando-se das núpcias, que são permitidas não se priva da luxúria, do orgulho, da curiosidade, ou da tagarelice; assim é tão rara a casada, que entre os deveres conjugais não pense senão em agradar a Deus,

ataviando-se não com cabelos frisados, com jóias de ouro, com pérolas, com vestidos elegantes, mas sim como convém às mulheres que fazem profissão de piedade e de uma vida ordenada ²⁸. Também o Apóstolo São Pedro descreve tais matrimônios, ordenando: "As mulheres sejam submissas a seus maridos, para que, se alguns não creem na palavra, pelo proceder das mulheres e sem palavras possam ser convertidos vendo a vossa submissão e casto comportamento. Não sejam daquelas que exteriormente se ataviavam com os cabelos frisados, adornos de ouro e vestidos de gala; mas olhem para o homem que está escondido no vosso coração na perepetuidade dum espírito pacífico e modesto, que é rico diante de Deus. Pois é assim que algumas santas mulheres se adornavam, obedientes a seus maridos, como Sara obedecia a Abraão, chamando-o senhor, e da qual sois filhas obedientes, e não preocupadas com temores vãos. Os maridos igualmente vivam sabiamente com vossas mulheres, tratando-as com honra, como seres mais fracos e como herdeiras convosco da graça da vida, a fim de que não sejam impedidas as vossas orações" ²⁹.

Se acaso tais matrimônios não pensam nas coisas de Deus, como podem agradar ao Senhor? Mas são muito raros. Quem o nega? E estes raros não eram assim, quando se uniram, mas já unidos se tornaram assim ³⁰.

CAPÍTULO XIII

Hoje só devem casar-se os não continentes; antigamente ainda os continentes deviam casar-se. Usar do matrimônio só para ter filhos, quão raro é.

15. Nestes tempos quantos são os cristãos, que livres do vínculo do matrimônio, e capazes de abster-se de todo comércio carnal, vendo que para eles é chegado, conforme está escrito, "o tempo de não abraçar, senão de abster-se dos abraços" ³¹, preferiram a continência virginal ou viuval, antes que sofrer os tormentos da carne inerentes ao matrimônio, sem mencionar as outras coisas que omite o Apóstolo, vivendo livres das exigências da sociedade humana?

Mas se dominados pela concupiscência se casaram, e depois a venceram; como já não é lícito dissolver o matrimônio, assim como antes lhes era lícito não casar-se, tornando-se continentes de acordo com as leis matrimoniais, isto é, de comum consentimento podem almejar um mais alto grau de santidade; ou, se os dois não são do mesmo parecer, o cônjuge que o quer, deve dar, mas não exigir o ato carnal, conservando sempre entre ambos casta e religiosa concórdia.

Naqueles tempos, quando o mistério da nossa salvação estava ainda velado nas profecias sacramentais, mesmo os que assim pensavam se casavam, não vencidos pela concupiscência, senão estimulados pela piedade e desejo de aumentar a descendência. Se a eles tivesse sido dada a opção, que dá o Novo Testamento com estas palavras de Cristo "quem pode seguir esse caminho, que o siga" ³², que eles o teriam seguido com alegria e decisão, não hesitará em admiti-lo quem leia atentamente como eles usavam das suas mulheres, quando lhes era lícito ter mais de uma, com todas guardavam maior castidade que guardam hoje aqueles que só com uma, precisam da indulgência, que lhes concede o

Apóstolo³³. Isto é tão excelente, que muitos preferem passar a vida toda sem qualquer união carnal, antes que ver-se obrigados a usar tal união somente para ter filhos, se contraem matrimônio. São muitos os nossos irmãos e co-herdeiros do reino celeste de ambos os sexos em continência perfeita; uns já foram casados, outros que jamais experimentaram tais contatos; estes são inumeráveis. Pois, quando nas expansões familiares, ouvimos alguém dos que são ou foram casados dizer que nunca se uniu com a esposa, senão pela esperança da concepção?

Portanto, o que os Apóstolos ordenam aos casados, isso é da essência do matrimônio; mas o que eles indulgentemente concedem, ou impede as orações, não é exigência, mas tolerância do matrimônio.

CAPÍTULO XIV

Unir-se à concubina para ter filhos é maior pecado que unir-se à esposa para satisfazer a incontinência

16. Ignoro se é possível, mais creio que seja impossível; se, porventura, alguém por um tempo determinado, se unisse a concubina com a única finalidade de ter filhos dessa união, jamais poderá ser preferido à união daqueles que realizam dentro do matrimônio os atos, que indulgentemente são tolerados. Há que atender ao que é da essência do matrimônio e não aos excessos dos casados e dos que usam imoderadamente do matrimônio.

Por exemplo: se alguém iníqua e aleivosamente invade um campo com o fim de repartir o seu produto em amplas esmolas, nem por isso justificaria a invasão, como não se deve recriminar a lei civil porque deu possessão legítima de um campo herdado, ou legalmente adquirido, a um indivíduo avaro.

Como não seria louvável a usurpação injusta do poder por um tirano, embora depois trate os súditos com a munificência de um rei; como não seria vituperável um decreto da régia potestade, ainda que o rei governe tiranicamente. Pois não é o mesmo usar bem de um poder injusto, que usar mal de um poder justo.

Assim, o uso temporal de uma concubina, com o único fim de ter filhos, não legítima o seu concubinato; nem, as casadas induzindo seus maridos à lassiva em inculpam o matrimônio.

17. Claro é que dois ilegitimamente unidos podem contrair matrimônio legal mediante um pacto honesto perante a lei.

CAPÍTULO XV

O Matrimônio não pode ser dissolvido por causa de esterilidade. Não se atreve a definir se é lícito unir-se a outra mulher, com o consentimento da esposa, para ter filhos comuns.

Uma vez contraído o matrimônio na Cidade de nosso Deus, que é a Igreja, da qual o Matrimônio, proveniente da primeira união do homem e da mulher,

recebe um caráter sacramental, não pode ser dissolvido, senão pela morte do cônjuge. Permanece o vínculo nupcial, ainda que a prole, por cuja causa foi realizado, não tenha aparecido por causa de manifesta esterilidade; de tal modo que os cônjuges, embora convencidos da impossibilidade de ter filhos, não podem separar-se e unir-se a outros para procurar descendência. Se isto fizerem, cometerão adultério com aqueles a quem se unam, permanecendo eles sempre cônjuges. Acercar-se de outra mulher com o consentimento da esposa, para ter filhos, que serão do marido pela paternidade e da esposa pelo direito e pelo consentimento entre os antigos Patriarcas era lícito, mas que agora também o seja, não me atrevo a afirmá-lo. Pois hoje não é tanta, como antigamente, a necessidade da pro-pagação, quando, além da esposa, era lícito tomar outras para que a descendência fosse mais numerosa. Hoje certamente não é lícito. Tanta é a influência que a diversidade dos tempos exerce sobre a oportunidade de fazer ou não licitamente uma coisa, que hoje se considera melhor aquele que nem quer mulher, se pode viver em continência. Mas antigamente e sem culpa alguma tomavam diversas mulheres também aqueles que mais facilmente podiam-se conter, se assim não fosse a prática piedosa daqueles tempos. Como aquele sábio e justo que deseja morrer para estar com Cristo e estima isto mais que qualquer outro bem por excelente que seja³⁵, continua aqui tomando o alimento, não pelo desejo de viver, mas pela exigência da natureza — e só quer viver porque ainda é necessário para o bem dos outros — assim unir-se a diversas mulheres com os direitos matrimoniais foi naqueles santos um dever piedoso, não libidinoso.

CAPÍTULO XVI

Na união carnal e na comida igualmente pode haver virtude e vício

18. O que é o alimento para a saúde do homem, é o ato carnal para a saúde do gênero humano. Ambos são realizados com deleite da carne; mas este deleite contido e modificado pela temperança dentro da necessidade natural, não pode chamar-se libidinoso. Tão desvairado é querer conservar a vida com alimentos nocivos, como procurar a prole por meio de uniões fornicárias ou adulterinas. Tão desacertado é para satisfazer o apetite e a gula o uso de manjares proibidos, como para satisfazer a libido, excluindo a prole, o uso ilícito do ato conjugal. Tão inconveniente como para alguns é a intemperança na comida, é para os casados o uso desculpável do matrimônio.

Assim como é preferível morrer de fome, antes que comer das viandas consagradas aos ídolos; assim é melhor morrer sem filhos, antes que procurá-los com uniões ilícitas.

Os filhos, de qualquer maneira que tenham nascido, se não seguem os vícios dos pais, e servem fielmente a Deus, são honestos e se salvarão. Pois o sêmen humano, de qualquer homem que seja, é criatura de Deus; será pernicioso para aqueles que o usam mal, mas o sêmen nunca será mau. Do mesmo modo que os filhos bons não justificam o adultério dos pais, assim os vícios

dos casados não são fruto das núpcias. Por conseguinte, assim como os Patriarcas do Novo Testamento para atender a sua saúde tomavam alimentos, mesmo que os tomassem com o prazer natural da carne, de modo algum podiam ser comparados com o deleite morbido dos que comiam das viandas oferecidas aos ídolos³⁶, ou com os que comendo coisas lícitas, as comiam com avidez desmesurada, assim também os Patriarcas do Antigo Testamento, para cumprir um dever officioso, se uniam maritalmente, mas o prazer natural estava neles muito longe de ser uma luxúria irracional e nefanda, que não se pode comparar com a torpeza do estupro, nem com a intemperança dos casados. Sob o influxo da caridade, agora espiritualmente, então também carnalmente, deviam ser procriados filhos por causa da mãe Jerusalém celeste. A diferença do modo de obrar dos Patriarcas radica na diversidade dos tempos. Tão necessário era que se unissem carnalmente os Profetas, que não eram carnaís, como era necessário que se alimentassem os Apóstolos, que não eram carnaís, mas sim espirituais.

CAPÍTULO XVII

Os casados de agora não devem ser equiparados aos santos casados dos tempos primitivos. Por algum tempo foi lícito que um homem tivesse várias mulheres, mas nunca foi lícito que uma mulher tivesse vários maridos.

19. Muitos são neste tempo aos quais disse o Apóstolo "Se não se contem, casem-se"³⁷, nem estes se podem comparar com os santos antigos casados. As núpcias entre todos os povos têm a mesma finalidade, que é a procriação dos filhos; não importa o que eles venham a ser depois; as núpcias foram instituídas para introduzi-los neste mundo, honesta e ordenadamente. Aqueles que não se contêm, parece, como que sobem às núpcias pela escada da honestidade; mas aqueles, que sem dúvida permaneceriam na continência, se as conjunturas daquele tempo o tivessem permitido, parece que desceram às núpcias pela escada da piedade. Embora as núpcias de uns e de outros no que diz respeito à procriação como núpcias sejam igualmente boas, sem embargo os casados de agora não podem ser comparados aos casados de então. Aos de agora, em atenção à santidade do matrimônio, e sem ser da essência do mesmo, Ihes são concedidos, por tolerância, os excessos que ultrapassam o necessário para a procriação dos filhos. Isto eles não o tinham. Mas nem os homens de agora, se é que algum existe, que só procuram no matrimônio o que Ihe é próprio, podem igualar-se aos antigos; porque nos homens de hoje é carnal o desejo dos filhos, e neles era espiritual, e era concordante com os tempos em que viviam. Hoje, ninguém, por perfeito que seja na piedade, pensa em ter filhos só espiritualmente entretanto, antes era um dever de piedade ter filhos pela união carnal porque a procriação naquele povo era prenúncio das coisas futuras e entrava dentro da economia profética.

20. Não porque um homem podia ter lícitamente várias mulheres, a esposa não podia ter vários maridos lícitamente, nem mesmo para ter filhos, dado o caso que a mulher fosse fecunda e o marido estéril. Por uma lei oculta da natureza o que é superior domina, enquanto o inferior facilmente se subordina; a razão natural e a sociedade estimam mais decoroso que muitas coisas se subordinam a

uma. Pois não é o mesmo que um criado tenha vários senhores, que um patrão tenha vários criados. Não sabemos que alguma das santas mulheres tenha servido a dois ou mais maridos vivos; enquanto sabemos que várias mulheres serviram a um só marido, quando a sociedade daquele povo o permitia, e as circunstâncias daquele tempo o exigiam. Isto não é contra a essência das núpcias.

Muitas mulheres podem ser fecundadas por um só marido, mas uma mulher não pode ser fecundada por muitos maridos. Aqui está a força dos argumentos. Também muitas almas estão submetidas a um só Deus verdadeiro. E portanto um só é o verdadeiro Deus das almas. Uma alma pode fornicar aderindo a muitos deuses, mas não pode ser fecundada por eles.

CAPÍTULO XVIII

Agora o Sacramento do matrimônio é só de um com uma. Não é lícito consagrar Bispo senão o marido de uma só mulher.

21. Como de muitas almas há de formar-se a Cidade dos que têm uma só alma e um só coração em Deus³⁸, que será a perfeição da nossa união depois desta peregrinação sobre a Terra, e na qual os pensamentos de todos serão patentes a todos, sem discrepar no mais mínimo uns dos outros, por isso o Sacramento do matrimônio em nosso tempo está restringido a um só marido e uma só esposa, de tal modo que não seja lícito ordenar Bispo ou sacerdote senão o marido de uma só mulher³⁹. Tão estritamente o interpretaram muitos, que julgaram que não devia ser ordenado aquele que houvesse tido duas mulheres, mesmo quando era catecúmeno ou pagão. Aqui tratamos do Sacramento, não do pecado, já que pelo Batismo se apagam todos os pecados.

Mas aquele que disse "se te casares, não pecaste" e se uma virgem se casar, não peca" e "faça o que quiser, não peca se a casa"⁴⁰ deixou bem claro que as núpcias não são pecado. Mas, em consideração à santidade do Sacramento, assim como uma mulher deflorada, mesmo catecúmena, depois do Batismo não pode ser consagrada entre as virgens de Deus; assim não foi considerado absurdo que aquele que teve, embora sem pecado, mais de uma mulher, perdeu um requisito do Sacramento, necessário, não para o mérito da sua vida, mas sim para a ordenação eclesiástica.

E porque a pluralidade de mulheres dos antigos Patriarcas prefigurava as nossas Igrejas espalhadas em todas as nações e submetidas a um só varão que é Cristo, também nosso Bispo, marido de uma só mulher, manifesta a unidade de todas as nações submetidas a um só varão que é Cristo: unidade que chegará a sua perfeição, quando Cristo manifeste o escondido nas trevas, e cada qual tenha de Deus o seu louvor⁴¹.

Nestã vida há dissensões, manifestas umas, ocultas outras, mesmo conservando a caridade, entre aqueles que um dia serão uma coisa só em um só Deus: então não haverá mais dissensões. Assim como o mistério encerrado na pluralidade dos matrimônios daquele tempo foi figura da multidão de fieis de todas as nações, que na Terra se submeteriam a Deus, que será realizada futuramente

na única Cidade celestial; portanto, assim como nunca foi lícito, nem antes, nem agora, nem será jamais, que uma mulher tenha simultaneamente dois ou mais maridos; assim nunca será lícito que a mulher se separe do marido vivo, para casar-se com outro. Apostatar da fé num Deus único, e passar-se à superstição adúlterina de outros deuses, sempre foi abominável. Nem por causa de ter filhos fizeram os nossos santos o que se conta de Catão Romano, que ainda vivo, entregou sua mulher a outro para encher de filhos a casa de um estranho. Nos nossos matrimônios vale mais a santidade do Sacramento que a fecundidade da mulher.

22. Nem aqueles que se unem unicamente com a finalidade da procriação, que é o fim primordial do matrimônio, podem comparar-se com os santos Patriarcas, que desejavam os filhos com outra mira muito diferente, como é o caso de Abraão, homem intrépido e piedoso, que mandado por Deus que imolasse o filho, nascido contra toda esperança, não o poupou, senão fosse detido seu braço por aquele que lhe ordenou levantá-lo ⁴².

CAPÍTULO XIX

Poderão comparar-se os continentes de hoje com os antigos santos casados?

Resta-nos ver se pelo menos os nossos continentes podem ser comparados com aqueles Patriarcas casados, ou se finalmente estes podem ser preferidos a eles, aos quais, até agora, não temos encontrado comparação. É que havia em suas núpcias um Bem maior que o Bem do Matrimônio, ao qual deve ser preferido o Bem da continência, porque na procriação dos filhos eram guiados por outro, que guia a estes, que se unem por um certo instinto natural e precedouro, que busca sucessão à sua desapareição.

Quem nega que isto é um Bem, desconhece que Deus é o Criador de todos os bens, desde os celestes aos terrenos, e desde os imortais aos mortais. Nem os animais carecem deste instinto da reprodução, mais patente nas aves, que com tanto cuidado preparam os seus ninhos e procuram parceiros semelhantes para criar e alimentar a prole conjuntamente. Os Patriarcas, por um espírito mais santo, superavam o afeto da natureza mortal, e guardando a castidade conjugal, unida ao culto de Deus, mereceram, como muitos opinam, o trinta por um, procurando em suas unidades carnis filhos por causa de Cristo, para separar de todas as raças, a raça da qual nasceria Cristo em carne mortal. Assim foi do agrado de Deus que isto servisse de profecia clara, indicando taxativamente a linhagem e o povo, do qual havia de vir em carne mortal. Muito mais excelente que o matrimônio casto dos nossos fiéis era aquele que Abraão, nosso pai, previa no seu fêmur, quando mandou ao seu criado colocar a mão no seu fêmur e jurar pela mulher que devia escolher para seu filho Isaac ⁴³. Pondo o criado a mão no fêmur do seu senhor, e jurando pelo Deus do céu, que outra coisa queria indicar, senão que na carne que tivesse origem naquele fêmur, havia de vir o mesmo Deus do céu? Grande bem, pois, são as núpcias dos que estão tanto melhor casados, quanto são mais castos e mais fiéis no temor de Deus, especialmente se inculcam a piedade nos filhos que geram segundo a carne.

CAPÍTULO XX

A purificação prescrita pela Lei após a união carnal não indica que seja pecado. Se alguns continentes de agora podem ser comparados aos antigos Patriarcas casados.

23. Quando a Lei exige a purificação depois da união conjugal, não quer dizer que ela seja pecado, a não ser que seja daquelas que se concedem como indulgência, ou que totalmente impedem a oração. A Lei encerra muitas coisas como mistérios e figuras do futuro, como certa informidade no sêmen, que formado se converterá num corpo humano, quer significar a vida grosseira e inculta, da qual convém purificar o homem pela formação e cultura: e como sinal disto a Lei prescreveu a purificação após o ato conjugal. O que acontece durante o sono, não é pecado, e apesar disso é preceituada a purificação. Mas, se alguém julga que isto é preciso, pensando que aconteceu por algum afeto e desejo menos casto; se engana; acaso a menstruação natural das mulheres é pecado? E também por ela a Lei impõe a purificação ⁴⁴, talvez pela mesma informidade material, que, verificada a fecundação, contribui a formação do corpo; e por esse fluxo informe a Lei quis significar o espírito indecentemente fluído sem a formação da disciplina que lhe dá forma, quando exige a purificação por esse fluxo do corpo. Finalmente, acaso morrer é um pecado? E sepultar os mortos não é uma obra de misericórdia? E também por isto a Lei exige a purificação ⁴⁵. O corpo morto por ter perdido a vida, não é um pecado; mas representa o pecado da alma que perdeu a graça santificante.

24. Boas são as núpcias, e com justiça devem ser defendidas contra todas as calúnias. O que eu pretendo, agora, é saber que classe de continência pode ser comparada com o matrimônio dos antigos santos Patriarcas; não quero comparar umas núpcias com as outras, pois em todas é idêntico o fim imposto por Deus à natureza mortal dos homens. Mas, como entre os que usam do matrimônio, não achei pares àqueles que o usaram de modo diferente, vamos ver que classe de continentes podem comparar-se com aqueles casados. Ou diremos que Abraão não se pudesse conter, de contrair as núpcias, por causa do reino do céu, quando pelo mesmo reino pôde audazmente imolar o único filho do seu matrimônio?

CAPÍTULO XXI

A continência, como as outras virtudes, pode ser habitual e atual, A virtude habitual pode existir sem a atual, como se vê pelo exemplo de Cristo.

25. A continência é uma virtude do espírito, não do corpo. Às vezes as virtudes do espírito se manifestam em obras exteriores; outras vezes permanecem ocultas na vida ordinária, como a virtude do martírio brilhou e se manifestou na tolerância dos tormentos. Quão numerosos são os que abrigam a mesma virtude no seu espírito, mas lhes falta ocasião de manifestar externamente diante dos

homens o que têm no seu espírito diante de Deus; e que não nasceu nesse momento, senão que nesse momento se manifestou? Jó possuía a paciência, que já Deus conhecia e dela deu testemunho, e só foi conhecida dos homens, quando foi posta à prova da tentação; e a paciência oculta no seu espírito se manifestou nas penalidades a que foi submetido⁴⁶. Timóteo possuía a virtude de se abster do vinho, e São Paulo não lha tirou, aconselhando-lhe que tomasse pouco vinho pela delicadeza do estômago e freqüentes achaques que sofria⁴⁷; de outro modo lhe teria dado um conselho nocivo, já que debilitaria a virtude do espírito por atender à saúde do corpo: mas, sem detrimento da virtude podia seguir o conselho dado, de modo que moderando o costume de beber, permanecesse no espírito a virtude de se conter. O hábito consiste na disposição para fazer uma coisa, quando é necessário; e quando não se faz, não é por falta de poder, senão porque não há necessidade.

Não tem o hábito da continência do prazer sexual aqueles aos quais são dirigidas estas palavras "se não se contém, casem-se"⁴⁸; mas sim o têm aqueles outros que ouviram estas "quem pode fazer que o faça"⁴⁹. De tal modo as almas santas usaram dos bens terrenos, necessários para outros fins: pelo hábito da continência, que não determinava neles uma obrigação, e pelo qual podiam não usar deles, se não fosse necessário. Só pode usar acertadamente destes bens, quem está disposto a privar-se dos mesmos. Muitos há que preferem abster-se totalmente do seu uso, antes que refrear-se para usá-los convenientemente; e ninguém pode usá-los convenientemente, sendo aquele que pela sua continência pode também não usá-los. Por este hábito disse São Paulo "sei abundar, e sofrer penúria"⁵⁰.

Todos os homens podem padecer penúria; mas saber padecer a penúria, é só das almas grandes. Do mesmo modo, quem não pode viver na abundância? Mas saber viver na abundância, é próprio daqueles que se não deixam corromper por ela.

26. Para melhor entender como pode estar a virtude no hábito sem manifestar-se nas obras, falarei de um exemplo que nenhum dos cristãos católicos duvidará. Que nosso Senhor Jesus Cristo na realidade da sua carne teve fome, padeceu sede, comeu e bebeu, nenhum dos fieis nascidos do seu evangelho o duvida. Acaso não estava nele a virtude da continência, tanta e maior que a de João Batista? "Veio João que nem comia nem bebia, e disseram: tem o demônio. Veio o Filho do Homem que come e bebe, e disseram: eis o glutão, bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores". Não se dizem coisas semelhantes dos seus servos os Patriarcas, pelo modo diferente de usar dos bens terrenos referentes ao concúbito: eis os homens lascivos e imundos, dados às mulheres e à luxúria? E assim como o que disseram de Cristo não tem viso de verdade, sendo, porém, verdade que não se absteve de comer e beber, como João Batista; como Ele mesmo o disse: "veio João sem comer nem beber; veio o Filho do Homem comendo e bebendo"⁵¹; assim também não têm consistência os reproches contra os santos Patriarcas. Veio depois o Apóstolo de Cristo sem casar-se nem gerando filhos, e disseram os pagãos, é um endemoniado. Veio também o Profeta de Cristo, casado e com filhos, e disseram os Maniqueus: era mulherengo. "Mas a sabedoria foi justificada em seus filhos". Palavras que o mesmo Senhor acrescentou, quando falou de João e de si mesmo: "A sabedoria foi justificada em seus filhos". Disto concluem os inteligentes que a virtude da continência deve ser sempre habitual nas almas, e só aparecer exteriormente quando a oportunidade das circunstâncias e dos tempos o exigirem. A paciência dos mártires se manifestou

no martírio; mas noutros igualmente santos permaneceu oculta no seu coração. Portanto, assim como o mérito da paciência não é maior em Pedro que sofreu o martírio, que em João, que não foi martirizado; assim o mérito da continência de João, que nunca casou, não é maior que o de Abraão, que teve filhos. Tanto o celibato de João como o casamento de Abraão serviram a Cristo segundo as exigências dos tempos. João manifestava a continência em ação: em Abraão era uma virtude habitual.

CAPITULO XXII

A continência nos antigos era interna, agora deve ser externa. Responde às demências de Joviniano.

27. Naquele tempo, quando a Lei, subsequente à era dos Patriarcas, declarou maldito a quem não suscitasse descendência em Israel⁵²; quem podia ser continente, não o manifestava nas obras, mas realmente o era. Quando chegou a plenitude dos tempos⁵³, e foi dito "quem pode fazê-lo, que o faça"; desde então até agora e posteriormente até o fim do mundo, quem é continente deve manifestá-lo praticamente; e quem não quiser manifestá-lo, não minta dizendo que é continente.

Por isto os que corrompem os bons costumes com falsas doutrinas⁵⁴, com vã e colosa astúcia dizem ao fiel cristão continente, que renuncia ao casamento: Tu és melhor do que Abraão? Não se perturbe ouvindo isto, nem ouse dizer que é melhor, mas não arrede do seu propósito: no primeiro não diz a verdade, e no segundo não obra corretamente. Diga simplesmente: eu não sou melhor que Abraão; mas é melhor a castidade dos célibes, que a castidade dos casados, as quais ambas possuía Abraão, uma na intenção, a outra na ação. Pois castamente viveu no matrimônio; também podia ser casto fora do matrimônio, mas então não era oportuno. Da minha parte, eu vivo mais facilmente sem fazer uso das núpcias, das quais fez uso Abraão, do que usá-las como as usou Abraão; e por isto eu sou melhor que aqueles que pela continência habitual não podem como eu; mas não sou melhor que aqueles que pela diferença dos tempos não fizeram como eu. O que eu agora faço, melhor o fariam eles se então lhes fosse dado fazê-lo, mas o que eles fizeram, não o faria eu se agora pudesse ser feito.

No caso de existir esse cristão, que reconhece e sabe que, ainda permanecendo no seu ânimo a virtude da continência, se fosse compelido às núpcias por algum motivo de religião ou piedade, seria um pai como foi Abraão; não tenha medo em responder ao capcioso interpelador, dizendo-lhe: Certamente eu não sou melhor que Abraão nesta classe de continência, da qual ele não carecia, embora não se manifestasse; mas sou como ele, não por ter outra coisa que ele não tinha, mas porque obro de modo diferente. Diga-o abertamente, porque se quisesse gloriar-se, não seria um insensato dizendo a verdade; mas se não quer dizê-lo por temor de que alguém o considere superior ao que vê nele, ou que ouve dizer dele; separe a questão da sua pessoa, e responda indeterminadamente sobre a questão proposta e diga: quem for capaz de chegar a tanto, é tal qual foi Abraão. Pode ser que a virtude da continência no ânimo daquele que não usou do matrimônio, como usou Abraão, seja menor; sem embargo, é maior que

a daquele que viveu na castidade conjugal, porque não pôde viver na outra, que é mais perfeita.

E se uma mulher não casada, que pensa nas coisas do Senhor para ser santa em corpo e alma⁵⁶, se encontra com algum imprudente que lhe pergunta: Tu és melhor que Sara?; responda: eu sou melhor que aquelas que não possuem a virtude da continência, o que de Sara não creio, pois ela fez o que os tempos exigiam, do qual eu estou livre, a fim de que no meu corpo se manifeste o que Sara conservou sempre no seu espírito.

CAPÍTULO XXIII

A continência é melhor que a castidade conjugal: não obstante os casados podem ser melhores que os continentes. O Bem da obediência é maior que o Bem da continência. É preferível uma casada mais obediente que uma virgem menos obediente. A obediência é mãe de todas as virtudes.

28. Se compararmos estas virtudes entre si, não há dúvida que a castidade da continência é mais excelente que a castidade conjugal. Entretanto uma e outra são um Bem; mas se compararmos os homens, é melhor aquele que tem um bem mais excelente, que o bem que tem o outro. Ora, entre os bens da mesma categoria, quem tem o maior, tem também o menor, enquanto que quem tem o menor não tem o maior. Pois em sessenta há trinta, mas em trinta não há sessenta. Não fazer uma coisa não indica falta ou carência de faculdades, senão depende das obrigações diversas que tem cada pessoa; como não carece de virtude da misericórdia, quem não encontra pobres com quem manifestar a sua misericórdia.

29. Assim, não se pode estabelecer uma justa comparação de uns homens com outros por um bem determinado, pois pode acontecer que um não tenha o bem que o outro tem, mas tenha outro bem mais estimável.

É maior o Bem da obediência que o Bem da continência. Em parte alguma das Santas Escrituras se encontra condenado o matrimônio, enquanto que a desobediência é sempre reprovada. Entre uma virgem, decidida a permanecer virgem, mas desobediente, e uma casada que não pode ser virgem, mas é obediente: qual será melhor? A menos louvável por não ser virgem, ou a mais vituperável por ser virgem? E se comparas uma virgem ebriosa com uma casada sóbria, quem hesitará em proferir a mesma sentença?

O matrimônio e a virgindade são dois Bens: a segunda é maior; a sobriedade e a obediência são louváveis, a ebriedade e a desobediência são execráveis. É mais vantajoso possuir todos os bens, embora os menores, que possuir um grande bem juntamente com um grande mal: como nos bens do corpo é melhor ter a estatura de Zaquê com saúde, que estatura de Golias com febre.

30. Não perguntamos, agora, se a virgem absolutamente desobediente, pode ser comparada com a casada obediente; se pergunta se a menos obediente pode comparar-se com a mais obediente, porque a castidade conjugal, também é castidade, e portanto é um bem, mas é menor que castidade virginal. Tanto a menor

no bem da obediência, quanto a maior no bem da castidade, se as comparamos uma com a outra, qual delas há de ser preferida? Pode decidir aquele que comparando antes a castidade com a obediência, percebe que a obediência, em certo modo, é a mãe de todas as virtudes. Por esta razão a obediência pode subsistir sem a virgindade, porque a virgindade é de conselho, não de preceito. Refiro-me à obediência pela qual se cumprem os preceitos. A obediência aos preceitos pode dar-se sem a virgindade, mas não sem a castidade. A virtude da castidade corresponde propriamente: não fornicar, não cometer adultério, não macular-se com ilícitos concúbitos. Quem isto não cumpre, age contra os preceitos de Deus, e, em consequência são traidores à obediência.

Vê-se claramente que a virgindade pode dar-se sem a obediência, porque a mulher depois de ter aceitado o conselho da virgindade, e permanecendo virgem, pode transgredir ou menosprezar os mandamentos. Conheço muitas virgens consagradas, que são tagarelas, curiosas, ebrias, rixosas, avaras, orgulhosas: coisas que são contra os mandamentos, ultrapassando a Eva no peccado de desobediência. Conseqüentemente, não só a obediente deve ser preferida à desobediente, mas a casada mais obediente é preferível a uma virgem menos obediente.

31. Em virtude desta obediência aquele Patriarca, casado, estava disposto a ficar sem o único filho, e ainda sacrificado por ele mesmo. De propósito disse Filho Único, sobre o qual ouviu do Senhor: "Em Isaac te será computada a tua descendência"⁵⁷. Quanto mais prestes estaria a viver sem mulher, se assim lhe fosse ordenado? Por isto estou tristemente admirado ao ver tantos continentes de ambos os sexos, que são negligentes em obedecer e cumprir os mandamentos de Deus, quando com tanto ardor renunciaram a usar do que lhes era permitido.

Portanto, quem pode duvidar que, em justiça, não admitem comparação com a excelência daqueles santos Pais e Mães gerando filhos, os homens e mulheres do nosso tempo, que, embora perfeitos continentes, são remissos na virtude da obediência; ainda que aqueles não tivessem no hábito do espírito, o que estes manifestam nas suas obras? Sigam, pois, o Cordeiro, cantando o cântico novo, as crianças, como está escrito no Apocalipse "que se não contaminaram com mulheres"⁵⁸, não por outra razão, senão porque permaneceram virgens. Mas não se considerem por isso melhores que aqueles santos patriarcas, que usaram do matrimônio conforme sua finalidade. Pois no uso freqüente que dele se faz, tudo que excede ao que é necessário para a geração, mesmo não ultrapassando de pecado venial, sempre é algum pecado. Pois não necessita perdão o excesso isento de toda contaminação. Creio que, nem mesmo os que seguem o Cordeiro, estivessem imunes de tal contaminação, se não tivessem permanecido virgens.

CAPÍTULO XXIV

Bem triple das núpcias entre cristãos. Os antigos Patriarcas casados observaram a obediência nas obras; a continência intencionalmente.

32. Entre todos os povos e entre todos os homens sempre foi considerado como bem do matrimônio a procriação e a castidade conjugal, e no povo de Deus a santidade do Sacramento, pela qual é nefando que a mulher separada do marido

**Os continentes atuais não pensem vilmente dos santos Patriarcas casados.
A virgindade há de ser protegida com a humildade**

se case com outro, durante a vida do marido, mesmo com o libelo de repúdio, nem sequer por motivo da procriação, essencial ao matrimônio. Nem pela falta de prole se dissolve o vínculo conjugal, senão unicamente pela morte do cônjuge. Do mesmo modo que, se um clérigo recebe a Ordenação sagrada para dirigir uma comunidade de fieis, e essa comunidade não fosse formada, permanece nele o caráter sacramental da Ordenação; e se por alguma falta cometida for afastado do seu ofício, não se verá livre do Sacramento do Senhor, que permanecerá nele para sua condenação.

Que o matrimônio visa à procriação o declara o Apóstolo com estas palavras: "Quero que as viúvas mais jovens se casem": e como se alguém lhe perguntasse, para que? acrescenta: "para que criem filhos e sejam mães de família" ⁵⁹.

Referindo-se à castidade conjugal disse: "A mulher não tem poder sobre o seu corpo, mas sim o marido, e igualmente o marido não tem poder sobre o seu corpo, mas sim a mulher". E sobre a santidade do Sacramento continua: "A mulher não se separe do seu marido, se ela se separa, permaneça inupta ou reconcilie-se com o marido; e o marido não repudie sua mulher".

Os três Bens do matrimônio, que o tornam legal e santo, são: a prole, a fidelidade e o Sacramento. Nos tempos atuais já se considera mais útil e mais santo não procurar a prole carnal, abstendo-se de todo contato desta espécie, para unir-se espiritualmente a um único esposo Jesus Cristo; com tal que se sirvam desta abstenção e imunidade como está escrito, para pensar nas coisas do Senhor; e de como lhe agradar mais ⁶⁰, isto é: que se observe sempre a continência, sem que se menoscabe a obediência. Esta virtude da Obediência, que é a raiz, e como se costuma dizer, a mãe de todas as virtudes e quase universal, foi exercitada e manifestada com obras pelos antigos santos Patriarcas, enquanto o afeto pela continência estava oculto nas suas almas. Pela Obediência, que os tornou justos e santos, e dispostos para qualquer obra boa, se absteriam até do matrimônio, se lhes fosse mandado. Quanto mais facilmente se absteriam do concúbito, se por conselho ou mandato de Deus lhes fosse exigido, aqueles que, por obedecer, podiam sacrificar a prole, em vista da qual se uniam maritalmente!

CAPÍTULO XXV

Refuta as calúnias dos Maniqueus contra os Patriarcas do Antigo Testamento

33. Pelo exposto acima creio haver respondido ampla e sobejamente aos hereges, tanto Maniqueus, como quaisquer outros, que alvitram a pluralidade de mulheres como argumento convincente da incontinência dos Patriarcas do Antigo Testamento. Se fossem capazes, entenderiam que não pecaram absolutamente contra a natureza, porque se uniam pela procriação, não por sensualidade; nem pecaram contra os costumes, porque naquele tempo era comum entre todos os povos; nem contra o preceito, porque não era proibido por lei alguma. Entretanto, os que ilícitamente usavam das mulheres, ou são condenados pelas Sagradas Escrituras; ou um exemplo que nos propõem para que o julguemos e evitemos, não para que o aproveemos e imitemos.

34. Advertimos encarecidamente aos nossos que têm esposas, que não ousem julgar os santos Patriarcas pelos moldes da sua própria fraqueza. Comparem-se consigo mesmos. como o Apóstolo aconselha ⁶¹: por isso não podem avaliar as forças da alma que luta pela justiça contra a volúpia, a fim de se não deixar arrastar pelos instintos da carne, permitindo que degenerem ou avancem no uso do matrimônio além do necessário para a procriação, sem quebrantar quanto prescrevem a ordem natural, os bons costumes e as exigências da lei.

Achacam isto aos Patriarcas, porque eles mesmos, dominados pela incontinência, abraçaram o matrimônio e abusam intemperadamente das suas esposas. Porém, os continentes, sejam maridos que perderam suas esposas, sejam esposas que perderam seus maridos, sejam ambos, que de comum acordo votaram a Deus a sua continência, saibam que lhes está reservada uma maior recompensa, que a exigida pela castidade conjugal. E por ter feito esse voto não menosprezem, antes prefiram a seu voto o matrimônio dos santos Patriarcas, que o realizavam num sentido profético, buscando nele somente a prole, e na prole servir a Cristo que havia de vir em carne mortal.

35. Com o máximo encarecimento recomendamos aos jovens e às donzelas, que consagraram a Deus a sua integridade, que, entanto vivam na terra, envidem esforços para protegê-la com tanta maior humildade, quanto mais divino é o que prometeram, pois está escrito: "quanto maior és, mais te deve humilhar em todas as coisas" ⁶². Meu dever é louvar a sua grandeza; o deles, crescer na humildade.

Excetuados aqueles casados, pais e mães santos, em cuja comparação estes não são melhores, por não serem casados, porque se o fossem, nem seriam iguais, não duvidem que eles superam absolutamente a todos os casados e os continentes depois de casados: não quanto Ana supera a Susana, mas quanto a Virgem Maria supera às duas. Falo só enquanto a integridade santa da carne; pois quem ignora as outras excelências e prerrogativas da Virgem Maria?

Todos devem procurar costumes congruentes com o santo propósito que votaram, a fim de garantir a excelente recompensa prometida; convencidos de que, juntamente com todos os fieis, amados e eleitos membros de Cristo, todos terão o convívio de Abraão, Isaac e Jacó no reino de Deus ⁶³, os quais, não por causa deste século, senão por Cristo, se casaram e foram pais.

APÊNDICE

Repreensão aos adúlteros

Agora não vos fixeis em mim: fixai-vos na palavra do Senhor. Não vos irriteis contra vosso remédio: pois não achei outro melhor para vossa doença. Sou um homem que estou tocando as dez cordas do Saltério; e havia de preterir a quinta? Antes tocá-la-ei continuamente. Vejo que nesta corda jaz quase todo o gênero humano, e nela é preciso trabalhar mais.

E que digo fazendo soar esta corda? Não aduldereis às escondidas de vossas esposas, porque vós não quereis que elas aduldereis às escondidas de vós. Não vades aonde não quereis que elas vos sigam. Não vos escuseis iniquamente, dizendo: acaso vou com mulher alheia? Eu vou com a minha empregada. Queres, acaso que te diga tua mulher: acaso eu vou com o marido de outra? Eu vou com o meu empregado. Tu dizes: não é à mulher alheia que eu vou. Queres que te digam: não é ao marido alheio que eu vou?

Deus não permita que ela diga isto. Ela sente mais pena por ti, que vontade de imitar-te. Essa casta e santa mulher, verdadeiramente cristã, que sente tristeza pelo marido fornicador, não por motivos da carne, senão pela caridade; não é que queira que tu o não faças, porque ela não o faz, senão porque para ti não é conveniente. Porque se não o faz para que tu não o faças: se tu o fizeres, ela também o fará. E se a Deus, se a Cristo deve o ato que tu dela exiges, e ela se presta porque Deus lho manda, ainda que o marido fornicque, ela oferece a Deus a sua castidade.

Cristo fala no coração das santas mulheres, Cristo fala dentro, onde o marido não pode ouvir, porque é indigno, se ele é assim. Fala Cristo no seu interior e diz e consola sua filha com palavras semelhantes a estas: Te torturas pelas injúrias de teu marido; que foi que te fez? Lamenta-o, mas não o imites em fazer o mal, senão que ele te imite em fazer o bem. Pois, quando obra mal, não o consideres como cabeça tua, considera que eu sou o teu Deus. Porque, se quando ele obra mal, o consideras como cabeça tua, o corpo seguirá sua cabeça, e ambos se precipitarão no abismo. E para não seguir essa cabeça perversa, considere a Cristo, cabeça da Igreja: dando-lhe a sua castidade e oferecendo-lhe a sua honra, esteja presente ou ausente o marido, não peca ela, porque nunca está ausente. Aquele a quem deve a graça de não pecar.

Meus irmãos, fazei isto para poder vencer o adversário. Não é amargo o que vos digo, e se é amargo é para curar. Tome-se esta poção, embora amarga; porque as entranhas estão em perigo: mesmo amarga, tome-se. Pois é melhor um pouco de amargor no paladar, que um tormento eterno nas entranhas.

Mudai-vos. Os que não guardavam castidade, guardem-na agora. Não digais: não pode ser. Meus irmãos, é torpe, é infamante que o homem diga que não

pode fazer o que faz a mulher. É um crime que o homem diga: não posso. O que a mulher pode, não pode o homem? Pois ela não tem carne? A primeira mulher foi enganada pela serpente. Essas esposas castas vos mostram que é possível fazer o que vós não quereis fazer, e dizeis que se não pode fazer!

Talvez ousarás dizer que ela pode fazê-lo mais facilmente, porque está muito mais resguardada pelo preceito da lei, pelos desvelos do marido, por temor das leis públicas e especialmente pelo próprio pudor e honestidade. As muitas defesas conseguem tornar a mulher mais casta; o homem deve ser casto pela sua própria virilidade. A mulher precisa de muitas defesas, porque é maior a sua fraqueza. A mulher se ruboriza de seu marido, e tu não te envergonhas diante de Cristo? Tu és mais livre porque és mais forte, e podes vencer mais facilmente, por isso estás confiado a ti mesmo. Sobre ela pesam a vigilância do marido, o medo das leis, os costumes morais e o pudor; e sobre ti Deus, somente Deus.

Com facilidade topas com homens iguais a ti, diante dos quais não temes ruborizar-te, porque eles fazem o mesmo que tu. Tão grande é a perversão do gênero humano, que até o homem honesto se ruboriza de ser casto entre tantos impúdicos. Por este motivo não posso desistir de pulsar esta quinta corda, por causa dos costumes depravados e, como disse antes, da degeneração do gênero humano. Se algum de vós, Deus o não permita, comete um homicídio, quereis que o expulsem da pátria, e se for possível, imediatamente. Se algum comete um furto, o odiais e nem vê-lo quereis. Se algum levanta um falso testemunho, o abominais, e não o tendes como homem. Se algum cobiça as coisas alheias, o considerais raptor e infame. Se algum se enreda com suas empregadas, este é amado e considerado distinto, e suas maldades se tomam como brincadeira. Se se apresenta algum que se diz casto, que não é adúltero, e por todos é conhecido como tal, se envergonha de acercar-se dos que lhe não são semelhantes, para ser insultado, ludibriado, e para evitar que lhe digam que ele não é homem. A tal ponto chegou a perversidade humana, que considera homem, um escravo da luxúria; e não é homem o vencedor da luxúria. Exultam os triunfadores da carne, e estes não são homens; jazem os vencidos pela carne, e estes são os homens? Se bem reparas, quem achas mais forte, aquele que jaz sob as patas de uma fera, ou aquele outro que matou a fera?

Porque não atendeis as lutas interiores, dominados pelo deleite das exteriores, relutais pertencer ao cântico novo, que diz: "Que adestra minhas mãos para a batalha, e meus dedos para a guerra"⁶⁴.

Há, pois, uma guerra que o homem sustenta dentro de si mesmo contra os maus desejos, refreando a avaréza, machucando o orgulho, afogando a ambição, arrasando a libido. Estas lutas se desenvolvem no interior, e não serás vencido no exterior. Para isto são adestradas as vossas mãos para a luta, e os vossos dedos para a guerra. Não se dá isto nos vossos espetáculos. Nesses espetáculos não é o mesmo o caçador e o citarista: uma coisa faz o caçador e outra o citarista. No espetáculo de Deus os dois são uma mesma coisa. Toca as dez cordas e matas todas as feras: tudo fazes ao mesmo tempo. Tocas a primeira corda, que diz, adorar um só Deus, e cai por terra a superstição. Tocas a segunda corda, que proíbe tomar em vão o nome de teu Senhor Deus, e morre a besta do erro de nefandas heresias, que o profanaram. Tocas a terceira corda, pela qual aprendes a fazer, quanto fazes, na esperança da quietude futura: matas a besta mais cruel, que é o amor deste mundo. Pois pelo amor deste século se enrolam os homens em toda classe de negócios; mas tu, esmera-te em todas as tuas boas obras não pelo amor deste século, senão para conseguires a eterna paz que Deus

prometeu. Repara que realizas duas coisas ao mesmo tempo: tocas as cordas e matas as bestas, isto é, ao mesmo tempo és citarista e caçador.

E não vos deleitam estes espetáculos, nos quais não merecemos os olhares dos atores, mas cativamos os olhares do Redentor? "Honra teu pai e tua mãe": estás tocando a corda quarta: que honres teus pais; dás morte à besta da impiedade. "Não adulterarás" é a quinta corda que estás tocando, e destruindo a besta da libido. Tocas a corda sexta: "Não matarás", e desapareceu a besta da crueldade. Tocas a sétima corda, que te diz: "Não furtarás", e cai a besta da rapacidade. Tocas a corda oitava: "Não dirás falso testemunho", caiu a besta da falsidade. "Não cobiçarás a mulher de teu próximo", é a corda nona: morreu a besta dos maus pensamentos. Uma coisa é não fazer nada fora da própria mulher, e outra não cobiçar a mulher alheia. Por isso são dois preceitos: "Não adulterarás" e "Não cobiçarás a mulher de teu próximo", que é a corda décima: é também a morte da cobiça.

E assim, com a morte de todas as bestas, passarás a vida seguro e inocente no amor de Deus e na sociedade humana. Tocando as dez cordas, quantas bestas não matas? E como cada besta tem muitas cabeças, em cada corda não matas uma besta, mas sim um bando de bestas.

Deste modo, com amor e sem temor cantarás o cântico novo.

O crime dos fornicadores

Se alguma vez intentas realizar algum ato lascivo, não queiras justificar-te dizendo: não tenho mulher, faço o que eu quero, pois não peço às costas da minha mulher. Conheces quanto vales pelo preço que foi dado por ti, sabes o que comes e o que bebes, e não ignoras a quem comes e a quem bebes: abstem-te de toda fornicção. Não me digas descaradamente: me acerco a uma fornicadora, me dirijo a uma meretriz, vou a uma prostituta; nem violo o preceito que diz: "não adulterarás", porque ainda não tenho mulher, nem faço nada às costas dela; tampouco violo o preceito que manda: "não cobiçarás a mulher de teu próximo". Indo a uma mulher pública, qual é o preceito que concluo? Qual a corda que devemos tocar?

Que não encontramos a corda? Com que ligame ataremos este fugitivo? Não fuja, descubra o ligame: ame, e não será uma atadura, mas sim um adorno. Pois nas dez cordas não encontramos ataduras, senão adornos. Os dez mandamentos se reduzem aos dois que já conhecemos: amar a Deus e ao próximo; e estes dois se reduzem a um só, que é este: "Não faças a outrem, o que para ti não queiras"⁶⁵. Onde há dez, há também dois.

Talvez responderás: se furto, faço o que não quero que me façam; se mato, não quero que outro me mate; se não honro os meus pais, quando quero ser honrado pelos meus filhos, faço o que eu não quero sofrer; se adultero ou maquino coisas semelhantes, faço o que não quero que me façam: pois se lhe perguntam, responde: não quero que minha esposa faça nenhuma destas coisas; se desejo a mulher do próximo, não quero que ninguém cobiçe a minha: faço o que não quero aturar; se cobiço as coisas do meu próximo, não quero que ninguém me tire as minhas: faço o que não quero agüentar; mas se vou a uma meretriz, a quem faço o que não quero que me façam?? Isto é mais grave, o fazes a Deus. Compreendei-o bem, meus irmãos. "Não faças a outrem, o que para ti não queiras".

inclui os dois preceitos. Como? Se fazes a um homem o que não quer que outro homem te faça se relaciona com o preceito do próximo, pertence ao amor ao próximo, às sete cordas; mas se o que não toleras que outro o faça contigo, tu o fazes a Deus: o que é isto? Não fazes a outro o que tu não queres que te façam? Aprecias um homem mais que a Deus? Dirás: mas como o faço ao mesmo Deus? porque te corrompes a ti mesmo. E que injúria faço a Deus corrompendo-me a mim mesmo? Que desacato comete contigo, quem ataca pedras num quadro pintado, que representa a tua imagem e que vaidosamente conservas na tua casa, que nem sente, nem vê, nem fala, e que tens para tua vã satisfação, não é um insulto feito a ti mesmo? Mas quando tu deturpas a imagem de Deus, que és tu mesmo, com fornicções e lascívia, só reparas em que não abusaste de nenhuma mulher de outro, que não o fizestes às costas de tua mulher, porque não és casado, e não reparas de quem é a imagem que tu violaste com as tuas ilícitas lascívia e fornicções?

Aliás, Deus que sabe o que te é útil, que governa realmente os seus servos de modo que tudo seja em proveito deles, não para utilidade sua, pois ele não precisa dos seus servos como um adjutório, mas tu necessitas da ajuda do Senhor; esse mesmo Senhor que conhece o que é útil para ti, te concedeu uma esposa, e nada mais. Isto Ele o mandou e impôs como preceito, a fim de que por meio de ilícitos prazeres não venha desabar o seu templo, que tu começaste a ser pelo Batismo. Não sou eu que digo isto, escuta o Apóstolo: "Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita dentro de vós?"⁶⁶.

Isto diz aos Cristãos, isto diz aos fiéis: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém corrompe o templo de Deus, Deus corromperá tal homem". Vedes como ameaça? Não queres destruir ou danificar a tua casa, por que destróis a casa de Deus? Certamente fazes a alguém o que para ti não queres. Não tens escapatória. Foi agarrado quem pensava não ser apanhado. Todos os pecados dos homens, ou são culpas que serão castigadas, ou são crimes que serão condenados. Como com os teus crimes não podes lesar a Deus, com teus flagícios o ofendes, com teus abusos o ofendes: em ti mesmo o insultas. Pois causas prejuízos a sua graça e a sua casa.

Se tiveres um criado, queres que ele te sirva: serve tu a teu Deus que é o melhor senhor. Tu não fizeste a teu servo: Deus criou a ti e a teu servo. Queres que te sirva aquele que juntamente contigo foi criado, e tu não queres servir àquele que te criou? Logo, quando tu queres que te sirva teu criado, homem como tu, e tu não queres servir a Deus, teu Senhor, fazes a Deus o que tu não o queres. Assim pois, aquele único preceito contém os dois: os dois contêm os dez e os dez contêm todos os outros. Cantai o cântico novo nas dez cordas do Saltério. E para que possais cantar o cântico novo, sede homens novos. Amai a justiça; porque tem sua beleza: Não quereis ver essa beleza, porque amais outras coisas. Se as não amasseis, certamente a verieis. Por que então a vedes quando a exigis dos outros? Por que louvas a fidelidade, quando a exigis de teu servo? Quão bela é a fidelidade; Só é bela quando a exigis de teu servo; somente a vês, quando a exigis de outro: quando de ti é exigida, então não a vês.

Vês o ouro, não vês a fé. Como brilha o ouro aos olhos do corpo, assim brilha a fé aos olhos do coração. Abre os olhos do coração para vê-la, quando queres que teu servo a observe contigo. Se ele a observa, o louvas, e o apregoa dizendo dele: tenho um excelente criado, tenho um grande criado, tenho um criado fiel.

O que tanto louvas no criado, tu o negas ao Senhor; e és mais protervo, porque preferes ter um criado melhor, antes que Deus te tenha a ti melhorado. Deus

manda a teu criado que seja bom para ti. Como manda a tua esposa que não adultere, ainda que tu adulteres; assim manda também ao teu servo que te sirva, ainda que tu não obedegas ao Senhor. Pensa em tudo isto de tal modo que te sirva de aviso, não para tua condenação. Pois que teu servo te sirva dignamente a ti que és indigno, isto é, que, sendo tu indigno, te sirva como esmero, te sirva fielmente, e te ame sinceramente: tudo isso deve a Deus, não a ti. É lógico, pois, que também tu consideres que estás sob o poder de Deus, a quem obedece teu servo para que te sirva.

Cumpra bem com aquilo que ouviste. "O que não queres que te façam, não o faças tu a outrem". Mas quando tu dizes isto a outro, inclui os dois: Deus e o próximo.

Canta com as dez cordas do Saltério: canta o cântico novo: concorda e cumpre os mandamentos de Deus, enquanto ele te acompanha na viagem; reconcilia-te logo com teus inimigos, para não te apresentar ante o Juiz com essas desavenças. Se cumpres o que ouviste, terás paz com eles; se não o cumpres, ainda estás em briga com eles, e não haverá conciliação até não ter cumprido o que ouviste.

REFERÊNCIAS: DOS BENS DO MATRIMÔNIO

<p>Capítulo I</p> <p>1 — Gen. 2,21</p> <p>Capítulo II</p> <p>2 — Gen. 1,28</p> <p>3 — Sl 137,3</p> <p>4 — 1 Tes. 4,16</p> <p>5 — Dt. 29,5</p> <p>Capítulo III</p> <p>6 — Mt 19,9</p> <p>7 — Jo, 2,2</p> <p>Capítulo IV</p> <p>8 — 1 Cor. 7,4</p> <p>Capítulo VI</p> <p>9 — 1 Cor. 7,4</p> <p>Capítulo VII</p> <p>10 — Mt. 5,32</p> <p>11 — 1 Cor. 7,10-11</p> <p>12 — Sl 47,2</p> <p>Capítulo VIII</p> <p>13 — Dt. 24,1</p> <p style="padding-left: 20px;">Mt. 19,8</p> <p>14 — Hebr. 13,4</p> <p>15 — Ef. 5,12</p> <p>16 — 1 Cor. 13,8</p> <p>17 — Lc. 10,39-40</p> <p>18 — Dan. 13,22</p> <p>19 — Lc. 2,36</p> <p>20 — Lc. 1,37</p> <p>Capítulo IX</p> <p>21 — 1 Tim 5,14</p>	<p>Capítulo X</p> <p>22 — Tim 1,5</p> <p>23 — 1 Cor. 7,28,36</p> <p>24 — Rom. 1,26-27</p> <p>Capítulo XI</p> <p>25 — 1 Cor. 19</p> <p>26 — Id 7,14</p> <p>Capítulo XII</p> <p>27 — Tim. 5,6</p> <p>28 — Id. 2,9-10</p> <p>29 — 1 Pdr. 3,1</p> <p>30 — 1 Cor. 7,32</p> <p>Capítulo XIII</p> <p>31 — Ecl. 3,5</p> <p>32 — Mt. 19,12</p> <p>33 — 1 Cor. 7,6</p> <p>34 — 1 Tes. 4,5</p> <p>Capítulo XV</p> <p>35 — Flp. 1,23</p> <p>Capítulo XVI</p> <p>36 — 1 Cor. 8,7</p> <p>Capítulo XVII</p> <p>37 — 1 Cor. 7,9</p> <p>Capítulo XVIII</p> <p>38 — At. 4,32</p> <p>39 — 1 Tim. 3,2</p> <p style="padding-left: 20px;">Tit. 1,6</p> <p>40 — 1 Cor. 7,28-36</p> <p>41 — 1 Cor. 4,5</p> <p>42 — Gen. 22,12</p>	<p>Capítulo XIX</p> <p>43 — Gen. 24,2-4</p> <p>Capítulo XX</p> <p>44 — Lev. 15</p> <p>45 — Num. 19,11</p> <p>Capítulo XXI</p> <p>46 — 1 Jó 1</p> <p>47 — 1 Tim. 5,23</p> <p>48 — 1 Cor. 7,9</p> <p>49 — Mt. 19,12</p> <p>50 — Flp 4,12</p> <p>51 — Mt. 11,18-19</p> <p>Capítulo XXII</p> <p>52 — Dt. 25,5-10</p> <p>57 — Gen. 21,12</p> <p>58 — Apoc. 14,4</p> <p>Capítulo XXIV</p> <p>59 — Tim. 5,14</p> <p>60 — 1 Cor. 7,4</p> <p>Capítulo XXVI</p> <p>61 — 1 Cor. 10,12</p> <p>62 — Eclo. 3,20</p> <p>63 — Mt 8,11</p> <p>APÊNDICE</p> <p>64 — Sl. 143,1</p> <p>65 — Tob. 4,16</p> <p>66 — 1 Cor. 3,16-17</p>
---	--	---